

CRISTINA ARRUDA FONTENELE



CRISTINA ARRUDA FONTENELE

Um lugar para si

Relatos de afeto, memória e pertencimento



Sumário

UM LUGAR PARA SI 11

CRÔNICAS DO OLHAR

O fadista tem o coração na mão	19
Da cor de gelo	25
Nem só de charme brilha a cidade	31
A mais global das cidades	35
Uma terra de experiências	39
Vento da mudança	45
Histórias dentro de histórias	51
Ciao bella Italia, è buono rivederti	57

CRÔNICAS DO OUVIR

A vida que cabe em um sorriso	65
O desafio de ser inteira na casa do outro	71
Ela acredita no amor	75
Leva tempo para se adaptar	81
Liberdade em um dia de sol	87
Felicidade pelas coisas simples	91
Quando é para dar certo o tempo não separa	95
O homem que quer conhecer o mundo	99
O Brasil é a terra da gente	105
Nascido à beira do rio	109
De volta à casa	115
AGRADECIMENTOS	119



“No mundo, ninguém é estrangeiro.”
(Autor Desconhecido)

“Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo.”
(Carlos Drummond de Andrade)



*Para minha avó Altina,
meu lugar de segurança e amor.*



Um Lugar para Si

Este livro surgiu de vários sonhos. Sonho de me formar em Jornalismo, curso que sempre admirei mesmo já graduada em Publicidade e Propaganda. Sonho de escrever um livro, pois meu lado escritora sempre foi pulsante. Sonho de contar histórias de pessoas, oportunidade para exercitar o olhar da delicadeza e aguçar os sentidos. Sonho de retornar à Europa, onde estive pela primeira vez em 1998.

Um Lugar para Si parte também de inquietações pessoais – reflexão sobre qual nosso lugar no mundo, qual o propósito de vida, se estamos expressando nosso potencial, se o lugar que vivemos e ocupamos faz sentido para nós. Aqui busco perceber a relação entre lugar e pertencimento, lugar e memória, além de levantar alguns números sobre a imigração na Europa.

Para se ter uma ideia do contexto mundial, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), o número de migrantes internacionais alcançou a marca de 244 milhões em 2015, representando 3,3% da população global nesse ano. Além disso, a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) divulgou que mais de um milhão de refugiados e migrantes atravessaram o Mediterrâneo no mesmo período. Os conflitos na Síria e em outros lugares continuam a gerar níveis surpreendentes de sofrimento humano, somando 65,3 milhões de pessoas deslocadas por guerras e conflitos até o final de 2015. A ACNUR alerta: 1 a cada 113 pessoas no planeta é solicitante de refúgio, deslocada interna ou refugiada.

O “Glossário sobre Migração” da Organização Internacional para as Migrações (OIM) apresenta os conceitos sobre migração, emigração e imigração, que também foram as definições norteadoras deste livro-reportagem.

A migração consiste no processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento

populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas.

A emigração, por sua vez, significa abandono ou saída de um Estado com a finalidade de se instalar noutro. E a imigração traduz-se como o processo pelo qual estrangeiros se deslocam para um país, a fim de aí se estabelecerem. Portanto, emigrar significa sair do país e imigrar entrar em outro país. A este movimento, dá-se o nome de migração.

Fazendo a distinção entre os termos migrante e refugiado, utilizo a definição da ACNUR que denomina migrante aquele que escolhe se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas principalmente para melhorar sua vida em busca de trabalho ou educação, por reunião familiar ou por outras razões, continuando a receber a proteção do governo. Já os refugiados são aqueles que escaparam de conflitos armados ou perseguições e cruzam fronteiras internacionais para buscar segurança nos países mais próximos, não podendo assim retornar ao seu país tendo em vista a situação perigosa e intolerável.

Na viagem para a Europa, encontrei os dois tipos de situações. Os entrevistados foram imigrantes. Os refugiados estavam em condição de sofrimento e tensão. O roteiro incluiu países, nessa ordem, com as respectivas cidades: Portugal (Sintra, Cascais, Lisboa), Suíça (Penthalaz, Crans-Montana, Montreux, Lausanne, Genebra, Berna), França (Paris), Inglaterra (Londres), Holanda (Wateringen, Roterdã, Haia, Zaanse Schans, Amsterdã, Hoek van Holland), Alemanha (Berlim), região da Alsácia (Estrasburgo, Colmar, Eguisheim, Rouffac, Issenheim), Itália (Veneza, Roma).

O itinerário foi traçado por mim, com a ajuda de duas amigas agentes de viagem, Viviane Rocha e Cristina Russo, que me orientaram na compra das passagens aéreas e o passe de trem. As histórias apresentadas seguem assim essa programação de viagem, realizada em trinta dias e sete países.

Como disse a escritora Martha Medeiros, no livro *Um Lugar na Janela 2: Relatos de Viagem*, viajar nos entrega à subjetividade e à poesia da vida, vamos além daquele único personagem for-

matado pela rotina, descobrirmos outros jeitos de cumprimentar as pessoas, outros modos de se vestir, outros ritmos. “E essa incrível universalidade aniquila nossa soberba e desperta insuspeitas virgindades em nós, o que é sempre rejuvenescedor.”

Interagir com outras culturas é sempre um tempo de observação e aprendizado. A jornalista em mim ficava atenta aos imigrantes, ao comportamento e ao dia a dia das fontes entrevistadas. Meu lado escritora observava os detalhes das cidades, dos costumes locais, cenas de anônimos. Eu, como pessoa, via o Brasil do estrangeiro e me espantava com o quanto nos perdemos em burocracia, corrupção e violência, comparado à simplicidade e ao pragmatismo europeu.

Na viagem, pude me perder nas ruas, pedir informação a desconhecidos, praticar o inglês e o francês, observar o ritmo das cidades e das pessoas. Sentir cheiros, umidade, sentir o frio de forma diferente. Foi outra idade, outro tempo e companhia de quando estive na Europa aos 20 anos de idade. Novas impressões sobre locais já visitados, como Paris, que sonhava em rever, e nessa oportunidade me choquei mais com os refugiados na *Champs Elysée* do que apreciei o retorno. E Londres, que na primeira vez havia detestado o céu nublado e agora passei a considerar uma região de muitas experiências interessantes.

Tomar o país pelas cidades visitadas de forma alguma é conclusivo e viável. Apesar de ter visitado as capitais, e em alguns países mais de uma cidade, certamente os textos não traduzem a totalidade de um povo, de uma cultura, é apenas um olhar, um fragmento. A proposta é, portanto, partilhar experiências e impressões, e o espírito de conhecer mais do que estamos acostumados, ir além do nosso território, ampliar nossa visão de mundo. Espírito esse que herdei do meu avô materno, um homem empreendedor, como dizem alguns familiares: “à frente de seu tempo”, que viajava para o exterior em busca de mais conhecimentos; do meu pai, um andarilho sem raízes na época de juventude, que ainda hoje dispõe da alma aberta para experimentar o novo.

A primeira parte do livro, intitulada “crônicas do olhar”, são relatos sobre os locais que visitei, minhas impressões e experiências, sobretudo no tocante à cultura, às pessoas e a imigrantes que encontrei no caminho.

A segunda parte do livro, intitulada as “crônicas do ouvir”, constituem dez entrevistas que realizei com imigrantes que moram na Europa. A construção das narrativas pretende mostrar os relatos de forma humanizada, não como números do movimento migratório, mas pessoas com histórias de vida, reflexões, desafios, construção emocional e simbólica do seu lugar de pertencimento.

O título *Um Lugar para Si* traduz, portanto, relatos de afeto, memória e a busca desses personagens por um lugar de pertencimento. Refere-se ao percurso empreendido por cada um à procura de mais, seja de uma melhor condição de vida, da formação de uma família, de novas oportunidades de trabalho, seja por mais sentido à existência.

Foi enriquecedor ouvir essas trajetórias, conviver um pouco com esses imigrantes, alguns eu já conhecia desde o Brasil, observar as famílias e deixar habitar-me pelo outro. A obra foi escrita em 2017, portanto, representa um recorte das histórias vividas até aquele ano, incluindo meu olhar, as idades dos personagens e as condições que experimentavam à época.

Para compor essas crônicas-reportagem, inspirei-me na jornalista e escritora Eliane Brum. Ela nos alerta que não existem vidas comuns, histórias banais e, a cada texto, convida os leitores para o olhar da delicadeza, do observador que compreende as cicatrizes, a *Vida que ninguém vê*, um dos livros da autora. Eliane adverte que olhar dá medo, porque não sabemos o que vamos encontrar, e reflete: “Quem consegue olhar para a própria vida com generosidade torna-se capaz de alcançar a vida do outro. Olhar é um exercício cotidiano de resistência”.

Com esse olhar mais generoso para as vidas não banais, escrevi o livro seguindo o gênero do Jornalismo Literário, que utiliza os recursos da Literatura na construção da narrativa jornalística.

Tais recursos, conforme define o escritor e jornalista Felipe Pena, consistem na imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos e metáforas, digressão, humanização.

Cada texto é iniciado e finalizado por um trecho de música que marcou algum momento da vida do entrevistado, integrando parte da memória afetiva que colabora com o sentido de pertencimento do indivíduo. Nas “crônicas do olhar”, as músicas foram selecionadas por mim a partir da paisagem sonora que vivenciei.

Migrar é esse atravessamento para compor algo novo. Percebo similaridade com o mosaico, arte de origem alemã que consiste na fabricação de imagens por meio da junção de pequenos fragmentos de pedras ou outros materiais. Uma metáfora para descrever a realidade humana, que também reúne diversos tipos de fragmentos (experiências sociais, afetivas, ambientais, econômicas) para elaborar uma imagem final (identidade). A imigração, como parte da trajetória dos personagens, produz assim diversas experiências (fragmentos) e acaba por ampliar a imagem final do mosaico.

Espero, dessa forma, que este livro contribua para mais fragmentos no mosaico do leitor, estimulando novas experiências na construção de um Lugar para Si.



CRÔNICAS DO OLHAR



O fadista tem o coração na mão

*Não pode cantar-se a dor se a dor é desconhecida
E não pode dar calor se o calor não for ideia sentida
Ninguém pode cantar rindo
Se estiver sentindo as penas da vida
Cantar o fado não tem segredo, pois não?
Todos o podem fazer
Quem é fadista põe o coração na mão
E canta o que ele disser!*
Trecho da música “Um fado nasce” – de Alberto Janes

Viajar traz um misto de sentimentos. Ansiedade, expectativas, medo do desconhecido e uma vontade enorme de guardar o máximo de memórias e de viver boas experiências. Nesse sentido, passar trinta dias na Europa foi um sonho realizado, um momento de alegria que, por diversas vezes, perguntei em pensamento se aquilo tudo estava de fato acontecendo. Porque é incrível quando as ideias do papel viram realidade.

Portugal foi a porta de entrada da viagem, o único país de língua portuguesa que visitei na Europa. Região onde encontrei muitos imigrantes, sobretudo brasileiros, durante os serviços que utilizei, como transporte, comércios, restaurantes. O que não foi uma surpresa, uma vez que tinha lido muitas notícias atestando que Portugal tem sido uma nova morada para muitos brasileiros, que buscam sair da sobrevivência para viver com mais qualidade.

Assim, encontrei Alexandre que mora há treze anos em Portugal, Leandro há um ano e a moça da loja de roupas, há nove. Um carioca e dois mineiros falaram sobre dignidade e uma vida melhor, um lugar de acolhida, onde o povo tem o coração na mão e vive com fervor.

A terra do pastel de Belém, famoso bairro de Lisboa, e do saboroso bacalhau tem sido procurada por muitos brasileiros como uma chance de recomeço para um novo lar com mais sos-

sego e qualidade. “Não é um lugar para ganhar dinheiro, mas para viver bem”, ouvi de várias pessoas enquanto eu também sentia Lisboa uma segunda casa.

Os números apontam que a nacionalidade brasileira é a principal comunidade estrangeira residente em Portugal, totalizando, 21,9% dos imigrantes, em 2018, seguidos dos cabo-verdianos (7,2%) e romenos (6,4)%. Segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), em 2018, residiam em Portugal 480.300 cidadãos estrangeiros com título de residência válido, valor mais elevado registrado pelo SEF, desde seu surgimento em 1976.

Assim, ouvir o sotaque brasileiro é bem comum em Portugal. Conheci Alexandre ao utilizar o *Uber*. O carioca formado em designer gráfico conta que ser motorista o ajudou a sair de casa e a conhecer pessoas. Aos 51 anos de idade, ele já morou nos Estados Unidos para estudar inglês, acompanhou a mulher, também brasileira, nos três anos de doutorado dela em Paris e levou dez anos para de fato gostar de Portugal. Mas, hoje, “ama morar em Lisboa”, porque pode utilizar o transporte a qualquer hora, percebe segurança, além de uma saúde pública que funciona. “Não é para fazer dinheiro, é para viver”.

O homem culto, viajado, fala com serenidade e explica que aprendeu a ter outro olhar sobre os monumentos, a história e as cidades. “Depois que você roda, roda, hoje, acho tudo bonito. Lisboa, em cada esquina, se descobre uma coisa nova.”

Visitando o centro da cidade, em direção à famosa Praça do Comércio, passo pelos saldos de inverno, com liquidação de roupas e calçados, pelas vitrines com doces convidativos, pelas castanhas assadas a céu aberto. Em uma das lojas de roupas, encontro mais uma brasileira.

Natural de Belo Horizonte, a mineira me atende cheia de bom humor e, ao me descobrir conterrânea, revela sua história. O marido viajou primeiro para comprar um caminhão em Lisboa e logo começou a trabalhar com mineração, decidindo reconstruir a vida em outro país. Ela foi em seguida, na época com 17 anos de idade.

No novo lugar, nasceu a filha do casal. Com apenas dois anos de idade, a criança parece não gostar da cor negra materna. A mãe diz já perceber essa rejeição por parte da filha, tendo em vista que a pele da menina é mais clara devido ao pai branco. A mineira explica que mesmo a filha sendo tão jovem, repreende a menina, fala sobre respeito e igualdade e me diz sentir muita saudade do Brasil.

— Os brasileiros quando veem um pouquinho da Europa ficam de nariz empinado, são bestas, não valorizam o que têm. Quando a gente sai é que percebe o que temos de bom.

Alegre, comunicativa, saudosa. A moça mostra resiliência e força de trabalho. Há nove anos mantém o emprego na mesma loja, que hoje já emprega outra mineira. Sobre o futuro, conclui: “O Senhor disse para eu vir, ainda não disse para eu voltar.”

Tornando a caminhar pelo calçadão do Arco da Rua Augusta, transeuntes abordam meu marido. Creio que nos acharam com cara de latinos porque perguntaram discretamente em espanhol: “Quiere Marijuana? Quiere?” e se espantam quando descobrem que somos brasileiros. “Brasileiro e não usa?!”, questionam quando meu esposo recusa a maconha em três abordagens.

Percebo uma comunicação eficiente entre eles, em uma rede quase invisível, se aproximam e se distanciam, vão repassando a informação para os que estão mais adiante, como a brincadeira do telefone sem fio. Na rua, carros da polícia passam com a sirene ligada. Dispersam-se misturados a estudantes, turistas e lisboetas.

Mais à frente, na beira do Rio Tejo, uma mulher de origem africana me pede “por favor” para comprar uma pulseira porque a vida está muito difícil, quase impossível de sobreviver. Vejo o rosto sofrido, engulo a seco e recuso. Olho as gaiotas em revoada nas margens do rio, são quase 19 horas.

Jovens sentados admiram o pôr do sol das escadas enquanto os raios de luz adiam a noite. Um *hippie* dança com Bob Marley no rádio portátil. “I wanna love you and treat you right. I wanna love you every day and every night. We’ll be together with a

roof right over our heads.” O olhar pesa sob o contraste de vidas em um mesmo lugar. A noite termina com sabor de bacalhau, batatas e o tradicional azeite português.

Na manhã seguinte, conheceria outro mineiro que foi viver melhor em Cascais, charmosa cidade litorânea, retiro de verão da monarquia portuguesa no século XIX. Encontros do acaso.

Também natural de Belo Horizonte, Leandro vive há um ano no solo português. Ele conta que ganhava um bom dinheiro sendo caminhoneiro na terra natal, mas não tinha qualidade de vida. Incentivado pelo irmão, que já morava em Portugal, reuniu uma quantia no Brasil e resolver arriscar do outro lado do Atlântico. Tão logo se instalou, conseguiu trabalho como ajudante de padeiro. Buscou outras oportunidades e, hoje, grelha sardinhas em um restaurante de frente para o farol de Cascais. Diz que vive bem e até já comprou um carro por 600 euros.

O mineiro se vê bem aceito na nova terra. A princípio estranhou a “frieza” de alguns portugueses no modo de falar, comparado a seu jeito brincalhão, expansivo, mas a fé o ajudou a superar os obstáculos. “É ter fé em Deus e pé na tábua, sem Deus não faço nada.” Ele conversa animado enquanto assa outros peixes, ofício que aprendeu em apenas três dias, conta.

Para garantir seu espaço, precisou aprender outros idiomas. Agora, também se comunica em inglês e francês devido à quantidade de clientes turistas onde trabalha. Com o sorriso aberto, ele define: “Nós [brasileiros] somos perfeitos, eles adoram a gente, eles piram na gente”. Diz com o sorriso largo, explicando que os brasileiros são comunicativos, rápidos no aprendizado, multitarefas e por isso cativam os portugueses.

Histórias na bagagem, despeço-me de Portugal com a vontade de retornar e, quem sabe, arriscar vida nova por lá. Experimentando Lisboa pela segunda vez, senti mais familiaridade com os cheiros, lugares, pessoas e sabores. Descubro mais. Remexendo nas raízes, constato que meu sobrenome materno, Arruda, vem de lá.

Os Arruda têm suas origens em Portugal, onde se destacaram principalmente na arquitetura. A Torre de Belém, por exemplo,

foi projetada por Francisco de Arruda e muitos outros monumentos se ligam ao mesmo sobrenome, como o Aqueduto do Prata e a Igreja da Graça, ambos em Évora. Estaria explicada a sensação de casa? Os ancestrais devem saber.

Deixei Portugal com a sensação de querer mais. Querer visitar outras cidades, conhecer mais brasileiros que recomeçam a vida por lá, querer me tornar amiga de mais portugueses. Os laços antigos entre os dois países e o idioma português podem até despertar esse sentimento de aproximação, mas o bem-estar interno vai além do perceptível. Talvez seja essa a construção abstrata que vai dando sentido ao lugar de pertencimento, uma sensação por dentro que se soma às experiências por fora.

